

CAPÍTULO 1.6.

Artur Lescher e a atualização da abstração geométrica

Artur Lescher and the update of the geometric abstraction

Luis SANDES^{76.)}

Resumo

Diversos artistas contemporâneos, no Brasil e no exterior, vêm colaborando para atualizar a abstração geométrica, que é entendida como fenômeno com múltiplas correntes, de acordo com Vallier (1986). Argumenta-se que Artur Lescher, artista contemporâneo brasileiro com sólida e reconhecida carreira desde os anos 1980, é um dos que colabora para dar atualidade e originalidade ao fenômeno da história da arte. O objetivo é analisar como Artur Lescher lida com a abstração geométrica em sua poética. Analisam-se duas obras e uma série do artista, com recurso a seus elementos internos e contextuais. As fontes são as obras do artista, entrevistas do artista, trabalhos acadêmicos, catálogos e fôlderes de exposições, textos de historiografia da arte e críticas. As considerações finais indicam a conclusão, que aponta que a análise das obras auxilia na compreensão de como a obra do artista se articula com a abstração geométrica, e novas possibilidades de estudos.

Palavras-chave: arte contemporânea brasileira, instalação, escultura, abstração geométrica, artista brasileiro

Abstract

Several contemporary artists, in Brazil and abroad, have been collaborating to update the geometric abstraction, which is understood as a phenomenon with various trends, according to Vallier (1986). It is argued that Artur Lescher, a Brazilian contemporary artist with a thorough and recognized career since the 1980s, is one of those who collaborate in bringing novelty and originality to such art history phenomenon. The objective is to analyze how Artur Lescher deals with geometric abstraction in his poetics. Four of his works are analyzed with the resource to its internal and contextual element. The sources are artists' works and interviews, academic papers, exhibits catalogues and folders, art historiography texts, and critiques. The final remarks bring the conclusion, which shows that the analysis of the art works helps understanding how artists' oeuvre deals with geometric abstraction, and new possibilities of studies.

Keywords: Brazilian contemporary art, installation, sculpture, geometric abstraction, Brazilian artist

⁷⁶⁾ É doutorando na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Brasil, sob orientação do prof. dr. Agnaldo Farias. Pesquisa a relação de quatro artistas contemporâneos brasileiros com a abstração geométrica: Carlos Fajardo, Artur Lescher, Marcius Galan e Roberto Wagner. Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, com dissertação de mestrado sobre o concretismo paulista. Suas publicações acadêmicas encontram-se reunidas em: <<https://usp-br.academia.edu/LuisFSSandes>>. Orcid: <<http://orcid.org/0000-0003-1762-1412>>. E-mail: [luis.sandes\(at\)gmail\(dot\)com](mailto:luis.sandes(at)gmail(dot)com)



1. Introdução

A abstração geométrica é um fenômeno com múltiplas correntes (Vallier, 1986). Renovou-se o interesse pela abstração depois do final da década de 1990, sendo que artistas jovens e produtores culturais “re-contextualizaram os legados formais [da abstração] e ressituararam-na em interpretações performativas e sociais [...]” (Lind, 2013, p. 10).

Pérez-Barreiro (2007 in Pérez-Barreiro, 2013: 69) distingue, na abstração geométrica latino-americana histórica, duas tendências. A primeira se baseia “em uma crença na razão, em uma linguagem internacional da abstração que representa o mais alto estágio da arte moderna” e os artistas da outra “usaram a mesma linguagem para expressar o oposto da razão: um desejo de enfraquecer o discurso racionalista da modernidade em favor de um profundo questionamento do papel da arte na experiência humana” (Pérez-Barreiro, 2007 in Pérez-Barreiro, 2013, p. 69). Na primeira tendência, estão artistas como Tomás Maldonado, Willys de Castro e Jesús-Rafael Soto. Na segunda, estão o grupo Madi, Lygia Clark e Helio Oiticica. Ainda que essa distinção se refira principalmente a vanguardas e artistas mais antigos da história da arte brasileira, ela pode também ser aplicada a artistas contemporâneos vivos, tais como Artur Lescher e Roberto Wagner, por exemplo.

Nesse diapasão, argumenta-se neste artigo que Artur Lescher, artista contemporâneo brasileiro, faz parte da corrente da abstração geométrica e, também, oferece originalidade e contemporaneidade a ela. O objetivo do artigo é analisar como Artur Lescher trabalha com a abstração geométrica em sua poética.

Este artigo faz parte da pesquisa de doutoramento do autor, que investiga a relação de quatro artistas contemporâneos brasileiros com a abstração geométrica por meio de tópicos transversais. Os artistas são Carlos Fajardo, Artur Lescher, Marcius Galan e Roberto Wagner, único fotógrafo entre os quatro. Os tópicos transversais são, por exemplo, a relação entre arte e arquitetura ou as transparências nas poéticas dos quatro.

Com o intuito de dar concretude ao objetivo do artigo, obras de Lescher – *Aerólitos*, *Rio máquina* (2010) e a *série Casa* (1998/2019) – são apresentadas e analisadas. Este trabalho leva em consideração obras e entrevistas de Lescher, trabalhos acadêmicos, textos de historiografia da arte, críticas e catálogos e fôlderes de exposições. Para analisar esses materiais, este trabalho se vale de confrontar os escritos com as obras.

O artigo se estrutura da seguinte forma. Após esta introdução, apresentam-se o artista e sua obra, procurando-se situá-lo no contexto artístico brasileiro. Na sequência, procede-se a análise de duas obras e uma série do artista. Por fim, apresentam-se a conclusão e sugestões de novos estudos necessários.

2. O artista e sua obra: apresentação geral

Artur Lescher é artista reconhecido na arte contemporânea brasileira desde sua participação na XIX Bienal Internacional de São Paulo, em 1987, quando apresentou *Aerólitos* (uma das obras analisadas na sequência). Nascido em 1962, na cidade de São Paulo, Lescher reside no Brasil, nessa mesma cidade. A obra de Lescher é desenvolvida numa corrente inaugurada pelo concretismo em São Paulo nos anos 1950 e está inscrita



numa escola construtivista (Fabbrini, 2015; Fazzolari, 2018). Artur Lescher é tributário do concretismo paulista no que se refere à rejeição da manualidade artesanal na produção artística (Amaral, 2002). Apesar de Lescher e o concretismo de São Paulo compartilharem da rejeição da presença da mão do artista na obra de arte, ele o faz por meio de procedimentos da arte contemporânea. Isto é, Lescher emprega certos procedimentos que emprestam novos sentidos e significados à abstração geométrica. Lescher também se aproxima do construtivismo russo (Poirier, 2018, p. 127).

O artista utiliza materiais como metais, saís, pedras, feltro e cintas industriais, além de outros, para construir obras de arte que aludem a objetos familiares, mas que estão destituídos de suas funções originais. A respeito dos materiais das esculturas de Artur Lescher, Venancio Filho (2010, s/p.) pontua que “o fato de os objetos serem quase sempre de madeira ou metal mostra já um tipo de escolha: ou material da natureza, ou material da máquina”.

O cerne da poética do artista está “[...] na possível expansão e retração de ideias, conceitos e linguagem [...]” (Belchior, 2013, s/p.). A obra do artista dialoga com disciplinas e áreas do conhecimento tais como astrologia, arquitetura, matemática, geometria, psicanálise e mitologia (Bechelany, 2019). De acordo com Farias (1998, s/p.), no início da obra do artista, havia “uma poética dos impulsos construtivo e funcional” e, posteriormente, somou-se a isso:

uma curiosa estratégia de juntar objetos racionais — estruturas vazadas, sólidos regulares — com materiais corrosivos, instáveis, característicos pela suscetibilidade — mercúrio, água aquecida, saís (Farias, 1998, s/p.).

Foi aluno de artistas como Flávia Ribeiro, Boi e Carlos Fajardo. Coursou, sem concluir, a graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o que lhe rendeu fundamentos teóricos importantes para sua carreira artística. Temas filosóficos surgiram, por exemplo, em sua instalação intitulada *Inabscência* (2012), instalada no Octógono, espaço dedicado a instalações de arte contemporânea, da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Realizou graduação em Artes Plásticas na Faculdade Santa Marcelina, onde atua como professor.

3. Análise de obras

As obras de Artur Lescher intituladas *Aerólitos* e *Rio máquina* e a série *Casa* são apresentadas e analisadas neste item, a fim de prestar maior materialidade ao estudo. As obras são de anos diferentes para aumentar a representatividade da escolha quanto às variações da poética do artista. *Aerólitos*, também referida como *Aeroestação*, foi uma instalação apresentada na XIX Bienal de São Paulo (1987) que ocupava tanto o interior como o exterior do Pavilhão da Bienal, projetado por Oscar Niemeyer, com duas formas geométricas tridimensionais diferentes entre si, dois polígonos de onze metros de comprimento, três metros de altura e três de largura cada⁷⁷⁾. A obra explorava uma série de dualidades, entre as quais se incluíam: o polígono do interior do Pavilhão era oitavado, enquanto o do exterior era liso. O do interior, feito em alumínio e ferro, dependurado pelo teto; o do exterior, feito em lona e hélio, preso ao chão. Ambos compunham um jogo de

⁷⁷⁾ Disponível em: <https://nara-roesler.art/usr/library/documents/main/artists/32/nara-roesler_artur-lescher_portfolio_pt.pdf>



imagem/objeto mediante os vidros do edifício. A instalação discutia, assim, as contradições referentes à neutralidade do espaço museal, uma vez que apontava para os efeitos do pavilhão que recebe a cada dois anos uma das principais exposições de arte do Brasil sobre aquela obra em particular e sobre as outras em geral.

Essa obra foi submetida como projeto a um júri da Bienal, que a aprovou. Então, o artista teve que viabilizá-la, considerando que era apenas uma ideia. Recentemente, Artur Lescher declarou, sobre seus trabalhos de início de carreira, que “eu fazia uma operação nesses desenhos [de objetos cotidianos], dos quais eu retirava a função, criando uns paradoxos” (Paros, 2005, p. 14). Importante frisar que essa instalação destoava da produção de outros artistas de sua geração, para a qual a pintura havia ganhado grande importância — lembre-se, nesse sentido, da icônica Geração 80, composta principalmente de artistas de São Paulo e do Rio de Janeiro que, nos anos 1980, tiveram destaque ao recorrer à pintura.

Parte da crítica de arte se debruçou sobre a obra de arte. Para Chiareli (1987, s/p.), o conteúdo da obra era o local da exposição, tendo o artista transformado o recinto “num quase-hangar de reverberações oníricas”. Para Nestrovski (2002, p. 14), tratava-se de zepelim desprovido de sua função original, ou uma forma sem função. *Rio máquina* (2010) é instalação de grandes medidas, 420 x 680 x 243 cm, de aço inoxidável⁷⁸⁾. A obra representa, com cilindros e malhas metálicas, um curso d’água com quedas d’água. Ou seja, representa, com elementos do mecânico, do industrial, um elemento da natureza. Torna a rigidez metálica em fluidez líquida.

O artista mistura, assim, elementos da história da arte, já que embaralha procedimentos do concretismo paulista, por exemplo. Para artistas concretistas paulistas, era importante se valer de materiais industriais para produzir obras de arte que não remetesse ao mundo circundante, fossem retratos, naturezas-mortas, paisagens, etc. Nessa obra, Artur Lescher ignora esses ditames e toma elementos industriais, geralmente encontrados por ele em ferros-velhos, para elaborar instalações que remetem à natureza. Para Venancio Filho (2010, s/p.), esse trabalho se encontra “entre natureza e cultura, na transfiguração de uma na outra”, afinal:

De fato, se máquina implica movimento, os rios estão entre as grandes máquinas da natureza. A natureza esconde seu mecanismo, seus componentes: um rio é indivisível, único, inteiro. [...] Um rio pode nos absorver por horas, é o lugar onde se percebe o tempo passar, a perfeita interação entre matéria, espaço, tempo. Toda obra de arte aspira a um poder dessa ordem, conduzir a uma completa e total absorção (Filho, 2010, s/p.).

Para Farias (2017, p. 62), esse trabalho “sublinha a existência de circuitos contínuos e amalgamados entre natureza e artifício”. A afirmação de Scovino (2015, s/p.) sobre obras de Lescher pode ser aplicada a essa: “suas obras desarticulam as certezas sobre o visível e inventam jogos de percepção que apontam para um entrelaçamento entre corpo, paisagem e visibilidade sobre o mundo [...]”. A série Casa (1998/2019), com obras produzidas entre os anos 1980 e os 2010, engloba peças em diversos materiais e de diversas dimensões que se desdobram da ideia esquemática de casa. Por exemplo,

⁷⁸⁾ Disponível em: <https://nara-roesler.art/usr/library/documents/main/artists/32/nara-roesler_artur-lescher_portfolio_pt.pdf>



"Sem Título #02" (1998), medindo 200 x 200 x 12 cm, se apresenta como um bloco de madeira, que pode ser lido como uma casa de duas águas de ponta cabeça, suspenso por fios. Para Fabbrini (2015, p. 22), as casas são um elemento da gramática do artista e mobilizam o imaginário infantil.

Se movente (1989, apresentada no Museu de Arte Moderna de São Paulo), composta de madeira e zinco, pode ser considerada como parte da série Casa, uma vez que apresenta construção arquitetônica. Para Fabbrini (2015, p. 24), essa obra pode ser entendida como "construtivismo favelar" (relativo a favela), já que se trata de "palafita de extração popular ladeado por pilotis ou pilastras do 'prédio do IV Centenário', de extração lecorbusiana". Outra obra que faz parte da série é Casa-faca (1991), feita em madeira e zinco, que apresenta casas em cruz e sem interior. Este é aspecto comum às obras dessa série, isto é, são inabitáveis e impossíveis de serem ocupadas, não só pelas dimensões muitas vezes diminutas das obras, mas porque são peças muitas vezes inteiriças. O artista busca explorar a forma "casa" nos campos formal e simbólico. Para Fabbrini (2015, pp. 22-24), Artur Lescher

[...] quebra a articulação [...] do quadrado ou cubo: signo de base das vanguardas construtivas – para investigar em que medida essas formas geométricas podem, ainda, ser desdobradas, segundo sua própria estrutura, em imprevistas formas artísticas, no presente: ou seja, pós-tudo, ou ainda depois do fim das vanguardas artísticas.

4. Considerações finais

Com a análise empreendida neste artigo, que articulou a apresentação de Artur Lescher com o comentário detido de algumas de suas obras, conclui-se que a análise dessas obras auxilia na compreensão de como a obra do artista se articula com a abstração geométrica. Nota-se que abstração geométrica atua como um dos fios articuladores da obra do artista, ao lado de outros elementos advindos da história da arte e também de outros campos do conhecimento, inclusive com referência a temas simbólicos.

Este artigo inspira novos estudos, que são necessários para uma melhor compreensão da obra de Artur Lescher e da de artistas relacionados. Entre eles, destacam-se análises de outras obras, em especial análises que articulem as obras a correntes artísticas e/ou disciplinas com as quais a poética de Lescher converse, e estudos sobre outros artistas contemporâneos, não apenas brasileiros, cujas poéticas conversem com o abstracionismo geométrico.





Referências bibliográficas

- Amaral, A. (2002). A tática da elegância: entre o espacial e o serial. In: Lescher, A. Artur Lescher. (pp. 6-8). São Paulo: Cosac & Naify.
- Bechler, M. (2017, outubro 13). "Materiais têm potência e personalidade" diz Artur Lescher em Paris. [Webpage]. RFI. <https://www.rfi.fr/br/cultura/20171013-rfi-convida-artur-lescher>.
- Behelany, C. (2019). Artur Lescher: suspensão. In C. Behelany (Cur.). Artur Lescher: suspensão. [Exhibition]. (pp. 15-102). São Paulo: Pinacoteca de São Paulo.
- Behelany, C. (2013). Artur Lescher. Artforum, december, s/p. <https://www.artforum.com/print/reviews/201310/artur-lescher-44113#>.
- Chiarelli, T. (1987). Sobre os aerólitos de Artur Lescher. In C. Behelany (Cur.). Artur Lescher. [Exhibition]. 19 Bienal Internacional de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Fabbrini, R. (2015). A gramática de Artur Lescher. *Ars*, 25, 15-29.
- Farias, A. (1998). Artur Lescher. In: Galeria Nara Roesler (Org.). Artur Lescher. [Exhibition]. Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil.
- Farias, A. (2017). The Gravity of Memory: The Appeal of the Stars – 4 projects by Artur Lescher. *Jacarandá*, 4, 62-68.
- Fazzolari, C. (2018). Artur Lescher and the ethics of constructive geometry. *ArtNexus*, 110, 32-37.
- Lind, M. Introduction. (2013). In D. Evans (Ed.), *Abstraction: documents of contemporary art*. London, Massachusetts: Whitechapel Gallery, The MIT Press.
- Nestrovski, A. (2002). Silêncio e matéria. In: Lescher, A. Artur Lescher. (pp. 12-13). São Paulo: Cosac & Naify.
- Paros, F. (2005). O artista. In R. Iavelberg (Org.), *Ensinar e aprender arte contemporânea: material de apoio para o professor de arte*. (pp. 1-14). São Paulo: Centro da Cultura Judaica – Casa de Cultura de Israel.
- Pérez-Barreiro, G. (2007). Introduction. In Pérez-Barreiro, Gabriel (Ed.), *The Geometry of Hope: Latin American Abstract Art from the Patricia Phelps de Cisneros Collection*. (pp. 13-27). Texas, Madrid: Blanton Museum of Art, Fundación Cisneros.
- Pérez-Barreiro, G. (2013). Geometry of hope: Latin American Abstract Art from the Patricia Phelps de Cisneros Collection. In M. Lind (Ed.). *Abstraction: documents of contemporary art*. (pp. 66-69). London, Massachusetts: Whitechapel Gallery, The MIT Press.
- Poirier, M. (2018). Artur Lescher. [Exhibition]. In Olivier Malingue & Palais d'Iéna (Org.). *Suspension*. London, Paris: Olivier Malingue, Palais d'Iéna.
- Scovino, F. (2015). Entre cascatas, montanhas e rios, eis que surge o errante. In: Galeria Nara Roesler (Org.), *Artur Lescher* (s/p.). São Paulo: Galeria Nara Roesler.
- Vallier, D. (1986). *A arte abstrata*. Lisboa, São Paulo: Edições 70, Martins Fontes.
- Venancio F., P. (2010). Metal líquido. In Galeria Nara Roesler (Org.), *Artur Lescher: Rio Máquina*. São Paulo: Galeria Nara Roesler.

